

Edna Pires & Jones Silva

ELIANA SCHAFER

Uma
Nova
Nacionalidade

Transformar-se é preciso!

EDNA PIRES & JONES SILVA

Índice

<i>Dedicatória</i>	4
<i>Capítulo 1 – Como tudo começou</i>	6
<i>Capítulo 2 – A viagem, Delírios emocionais</i>	14
<i>Capítulo 3 – Na Alemanha</i>	126
<i>Capítulo 4 – De turista a Imigrante</i>	164
<i>Capítulo 5 – Vivendo na Suíça como expatriada</i>	236
<i>Capítulo 6 – Um acidente quase fatal!</i>	244
<i>Capítulo 7 – A última transformação</i>	271



Dedicatória

Este livro é dedicado aquela que foi nossa
inspiração para falar destes dois fenômenos do
desenvolvimento e da prosperidade humana. Foi
ela quem nos ofereceu toda a sua história para
que outros aprendam e se beneficiem com suas
lições. Seu altruísmo e humildade, para revelar
tanto suas capacidades quanto limitações e
fragilidades, deixa-nos como exemplo a verdadeira
forma desprendida de ser.
O mundo te agradece



Eliana Schaffer.

Uma nova Nacionalidade!

Edna Pires & Jones Silva

1ª edição

Capítulo 1 – Como tudo começou

Quando conhecemos Eliana Schaffer, não tínhamos a menor ideia que estávamos encontrando uma nova aventura. daquelas aventuras que fazem a gente engasgar de emoção. daquelas aventuras que dão um nó no estômago.

É assim que vemos a aventura de um ser humano quando ele decide grassar, nas asas da liberdade, um caminho inusitado. Quando ele decide caminhar por caminhos ainda inóspitos.

Aos nossos olhos ela não parecia ser uma pessoa especial. Acho que é sempre assim. Quando vemos alguém pela primeira vez nunca a vemos como realmente ela é.

Nossos olhos já embaçados com tanta gente, procura desenhar algo pra gente que não seja estranho aos nossos conhecimentos anteriores e então prejudgamos.

Mas quando Eliana Schaffer abriu a boca para falar. Ficamos encantados. Ela falava de coisas que ardiam em nossos corações. Falava de negócios

internacionais, de viagens, de comércio exterior. Falava de capital financeiro e expansão comercial. Era uma visão de mercado que ia além do bairro, da cidade, do estado ou do nosso país.

Nossa intuição dizia que havia muito mais por detrás de sua voz. Não era apenas uma forma de expansão comercial do nosso empreendimento local para o global. Não era apenas competência, resiliência, competitividade, qualidade, produtos.

Ela falava do produto mais importante que precisava se tornar global, sem perder as características do local. Ela falava de gente, falava de ser humano se aperfeiçoando para melhor servir e com isso produzir melhor para si e para o mundo.

Foi ali que nossa curiosidade sobre o termo “glocal” foi despertada. Ela afirmava ser uma glocal e nós não tínhamos a mínima noção de seu significado. Na verdade tivemos que olhar no Google para descobrir.

Começamos a brincar com o termo Glocal como se fosse uma invasão planetária de seres bastante diferenciados do que estávamos acostumados a lidar no dia a dia e até mesmo em nosso consultório terapêutico.

Pensávamos em seres extraterrestres, como brincadeira, é claro, porque não é o tipo de humano

que conhecíamos até então, que fôra formado pela sociedade do século XX: Pessoas com uma visão de vida e de ser humano bastante limitada e tacanha, o que não era o caso de Eliana Schaffer.

Uma pessoa para deixar de ser comum e alcançar novos níveis de desenvolvimento e crescimento, tanto pessoal quanto profissional, precisa compreender que estas transformações têm suas próprias exigências.

Uma dessas exigências é o que sempre percebemos em nossas pesquisas com a mente humana, é que quando alguém mora em um pequeno barracão e num determinado bairro por um tempo maior que cinco anos, sempre acredita estar no melhor lugar do mundo até se mudar para outra casa e outro bairro melhor. Só depois de estar em outro lugar que a pessoa consegue ver que onde estava não era tão maravilhoso como ela pensava.

O cérebro humano tende estranhar e não desejar o diferente, mesmo quando o diferente é melhor. Porque o seu próprio sistema de funcionamento cerebral e mental tende a buscar o estático.

Então é preciso que a dinâmica da vida alcance o indivíduo para que ele cresça. São as intempéries da vida, as frustrações e os desafios do mundo que impulsionam o ser humano ao aperfeiçoamento e

não o conforto. Isso Eliana vivenciou desde a mais tenra infância.

O termo Glocal seria um tipo de personalidade humana que vem surgindo no mundo devido à uma porção de fatores: Globalização, tecnologia, transformações sociais, culturais gigantescas e rápidas.

Quando vislumbramos a possibilidade de que todas as pessoas poderiam se tornar “glocal”, nossos corações queimaram e decidimos colaborar para que a história dela inspirasse o maior número de pessoas possível, a buscarem sua própria transformação pessoal, seu desenvolvimento e seu sucesso.

Ao trabalharmos com a mente de Eliana Schaffer e estudarmos sua mente emocional, percebemos que havia um caminho que todo ser humano precisa percorrer para se tornar um ser pleno, realizado e realizador. Chamamos a esse ser capaz de alcançar tamanho desenvolvimento de “Plenamente Glocal”.

Queremos que a invasão da glocalidade, que é um substantivo que inventamos para descrever a transformação e o desenvolvimento humano, aconteça com todos que lerem este livro. Assim o mundo, em toda a sua extensão, receberá os benefícios destes seres que agirão de forma muito

diferente da forma como os humanos vêm agindo até o presente momento.

Toda pessoa que busca conhecimento já percebeu que todo o planeta está passando pela agonia de uma crise generalizada. Essa crise vem para que possamos buscar saídas para problemas que nos perseguem desde à muito e, ainda não havíamos encontrado respostas.

O século XXI vem trazendo inúmeras novidades tecnológicas, sociológicas e ambientais que carregam em seu bojo novos problemas para os quais não existem soluções anteriormente pensadas. Esse é o maior desafio no momento.

De acordo com todas as pesquisas nas áreas de produção, Logística, vendas, comércio exterior, tecnologia, está sempre faltando a mão de obra especializada, o ser humano certo: O Glocal e/ou o plenamente Glocal, para que a produção humana possa dar um passo à frente.

Conhecer a glocal Eliana Schaffer nos deu a ideia certa de onde e para onde temos que partir para garantir um futuro de melhores relacionamentos, melhores negócios e um futuro de abundância para todos.

Sem essa transformação, acreditamos ser impossível que esse futuro chegue tão rápido

quanto o desejamos.

Na volta do primeiro Evento, ""Brasil Global"", em 2017, conversamos sob nossas percepções a respeito de Eliana Schaffer e do significado da Glocalidade. Tivemos a mesma certeza. Ali estava alguém que seria o protótipo para grandes aprendizagens.

Foi muito interessante como eu e Edna, escritores, palestrantes e psicanalistas fomos atraídos para um evento com características tão longe de nossa realidade. Acredito que o que nos chamou muita a atenção foi o próprio título do Evento: "Brasil Global".

Era como se fosse uma ordem que dizia, torne-se mundial Brasil! Você que está ensimesmado, trabalhando só olhando para o próprio umbigo, veja! Existe um mundo imenso ao nosso redor!

Eu e Edna construímos ao longo de nossas vidas e estudos, uma mensagem, com diversas nuances que acreditamos ser útil para todo profissional, para todo ser humano que deseja saúde plena em todas as áreas de sua vida.

Acreditamos que os relacionamentos dentro de casa, nas ruas, nas escolas, nas empresas precisam ser transformados.

Com o capitalismo quase dominando o planeta inteiro, a qualidade de vida ficou sujeita ao carro chefe social: A Economia. Assim, a felicidade e o bem estar ficaram jogados num canto da sala e esquecido por muitos séculos e por muitas pessoas.

Porem, no despontar do século XXI, com todas as crises que acontecem no ambiente econômico, político e social, concomitantemente acontece uma crise de identidade humana.

Quem somos, de onde viemos, o que vamos ser no futuro? Como e, qual é a melhor maneira de se viver?

De uma coisa sabemos com certeza: A vida humana, precisa ser vivida com intensidade, com experimentação de realidades e aprendizagens constantes. Somente assim as pessoas conseguirão evoluir, crescer e se tornar mais plenamente humanas.

Nós havíamos compreendido, até o momento, o suficiente para perceber que ninguém nasce ser humano. Ele vai se formando e se tornando humano na proporção em que experimenta, reage, decide o que e como quer ser e que rumo dar à sua vida.

Mas sempre fomos assolados por uma pergunta intrigante: "Será que existe um ser humano

universal?"

Esta é uma questão polêmica da antropologia e que a vida de Eliana Schaffer apresenta uma proposta muito interessante que nos faz refletir muito.

Não podemos dizer que todo ser humano decide conscientemente para onde levar sua vida. Somos espirituais o suficiente para sabermos que a vida leva a gente, na medida em que a gente leva ela.

É nesse “empurra e leva” da existência, que existem pessoas que são forjadas como modelos de superação, de como se tornar um ser humano mais apto, capaz, não somente para ter sucesso no mundo dos negócios, mas para ser um sucesso no mundo da vida.

Ser plenamente Glocal é um desafio para todo ser humano, não somente para Eliana Schaffer. Por isso convidamos à todo ser do planeta Terra para vir e desvendar sua própria Glocalidade no intuito de se ver, um dia, Plenamente Glocal.

Edna Pires e Jones Silva

Capítulo 2 – A viagem, Delírios emocionais

Eliana olhou para trás como se buscasse ou ansiasse por algo que ela não teve. Atravessou o Finger que em inglês é chamado de gangway. Aquele corredor sanfonado que fica entre a sala de espera do aeroporto e o avião.

Sua mente e seu coração estavam repletos de dúvidas quanto à sua decisão. Mas a firmeza de seus propósitos afastavam suavemente e com presteza todas elas.

Estava eufórica. Ao mesmo tempo, com medo. Eram sensações que somente quem teve coragem de abandonar sua terra e queimar os navios de volta poderia sentir, descrever e compreender.

Tinha se separado do marido há pouco tempo, estava desempregada. Já havia tentado sair do Brasil com a ajuda de um amigo alemão, um tempo atrás. Sua condição social não lhe foi suficiente para conseguir um visto para o exterior. Agora porém, ela decidiu arriscar tudo.

Vendeu tudo o que tinha para conseguir recursos

financeiros suficientes para garantir alguns meses na Europa. Planejava passar pela Alemanha e ir para a Itália.

Uma das razões pelas quais ela optou por passar pela Alemanha era que o preço da passagem era mais baixo e também porque tinha conhecido alguns alemães que se tornaram seus amigos e poderiam ajudá-la em seus planos.

Não poderia nem pensar em ficar um tempo mais longo por ali. Primeiro porque não tinha pesquisado nada sobre como se organizar para fazer um curso de alemão. Não sabia quanto isso iria lhe custar e onde poderia viver e morar.

Também não tinha a mínima ideia em qual cidade ficar e, além do mais, o alemão era a língua que ela não tinha nem mesmo uma noção básica. Teria que começar ou pela Inglaterra ou pela Itália.

Depois de colocar sua pequena mala acima de sua poltrona, sorriu para seu companheiro de viagem e se assentou. Olhando para a janela suspirou fundo e seus olhos lacrimejaram.

Todo o seu passado começou a passar lentamente como imagens, sentimentos, palavras que ouviu, fatos que aconteceram que a fizeram chegar até ali. Ela não conseguia evitar.

Então deixou sua mente levá-la para convencer a si mesma que, essa seria uma jornada que valeria a pena. Afinal de contas, seria uma viagem de mais de doze horas até Düsseldorf e uma reflexão sobre seu passado com certeza lhe evitaria cometer os mesmos enganos.

As imagens de sua infância começaram a vir, e embora ela as quisesse evitar por causa dos sofrimentos que passara, também queria as enfrentar para se ver livres de seus fantasmas.

Ainda não tinha forças para evitar nem para fazer sumir todas as dores e medos de seu lúgubre passado. Fechou os olhos e deixou que as brumas do tempo a levassem.

A mente humana mistura passado, presente e futuro para explicar e se tornar sempre um ser humano melhor.

- Aonde surgiu o Glocal?

- Eu acredito que todos os seres humanos são assim por natureza. Eles apenas se perderam de si mesmos e agora precisam se reencontrar. E nossa situação geral planetária possibilita com muito mais facilidade esse reencontro.

Essa palavra foi criada à partir da terceira revolução industrial que, com todas as suas idiossincrasias,

força o ser humano a adquirir novas características para se adequar ao novo mundo.

São pessoas que têm contato com o mundo, trazem tudo o que vêem ou experientam com o intuito de comercializar em um determinado local.

Quando a gente fala de globalização, a maior crítica é a destruição de tradições, costumes, hábitos que muitos acreditam que deveriam ser preservados.

Levar as novidades tecnológicas, os bens de consumo e tudo que pessoas produzem e inventam em determinada parte de um país para outros rincões do planeta é um desafio. Como fazer isso sem destruir a cultura e a história de um determinado povo local?

Este é um desafio que somente quem é Glocal é capaz de enfrentar. Sem matar as lendas, a forma das pessoas se expressarem, a música ou a literatura.

Conservar os modelos de ser humano local trazendo uma mentalidade de um morador do planeta terra. Tamanho desafio só pode ser completamente entendido quando se conhece um ser humano Glocal.

Essa é a riqueza do novo ser humano: porque no dia em que ele virar homogêneo e tudo se tornar

igual, uniformizado, perderemos a nossa verdadeira essência.

Até agora as diferenças, tanto no micro quanto no macro mundo humano, têm sido utilizadas como motivos para pré-conceitos, desavenças e guerras. Mas vendo agora as possibilidades de uma mentalidade Glocal se tornar plenamente Glocal, temos a esperança de haver unidade na diversidade e amor entre as diferenças para além da tolerância.

- Quando você viaja por diversos países do mundo, você nota algo interessante. E eu posso falar disso porque já cheguei a viajar e, ainda viajo, de cento e cinquenta a duzentos dias por ano. Nos disse Eliana Schaffer.

- Se você chega na Índia, na China ou na Europa; se eu estou aqui no Brasil ou nos Estados Unidos, todo lugar que eu chego, nos Aeroportos eu encontro: Mc Donald, C&A, Douglas – que vende perfumes; Pizza Hut e outras marcas de empresas Globais.

Aquele que viaja muito acaba ficando nas mesmas cadeias de hotéis. Eu, por exemplo, fico muito no Mercure do Grupo Accor. Não importa se é no Brasil, na China ou Índia. Até os móveis são os mesmos. Eles compram tudo isso em grande escala.

O sofá é o mesmo, a cama, as televisões, a decoração do quarto tudo é igual. São coisas que hoje estão espalhadas no mundo inteiro.

Os Estados unidos é bom para uniformizar as coisas. Veja o exemplo da coca-cola. Até no meio do deserto do Saara você encontra esse refrigerante.

- Você acha que isso pode ser chamado de evolução humana? Perguntamos.

- Não a uniformização das coisas, nem das pessoas. Isso de levar tudo e implantar igualzinho em qualquer parte do mundo mata a cultura local. É isto que estou dizendo. É uma espécie e neocolonialismo e imperialismo terrível.

Porém o ser humano que sabe trazer o melhor do mundo e das culturas e implantar em um local sem prejuízo algum para a individualidade e a localidade, Isso sim, eu vejo como uma grande evolução.

Aquele que podemos chamar de Glocal é esse ser humano que, partindo de suas raízes, consegue crescer e suas copas alcançam todo o planeta sem prejuízo de uma identidade particular.

À primeira vista isso parece impossível, mas minha vida e de muitos outros provam que já está

acontecendo.

O tempo e o espaço se fundem. O presente, o passado e o futuro são apenas momentos interligados para nos fazer compreender as profundezas de uma existência.

A comissária de bordo a chamou carinhosamente lhe oferecendo um lanchinho. Ela olhou para aquela comissária loira e bem maquiada, como se precisasse limpar os olhos e vencer os delírios para poder chegar ao presente.

Aquelas vozes vindas do futuro, misturavam em sua cabeça. Ela mal compreendia os seus significados. Demoraria muitos anos para ela encarnar aquilo que sua mente lhe trazia como sussurros do amanhã.

A viagem ainda levaria muito tempo. Eliana pediu um copo de água, recostou sua cabeça na janela do avião. Olhou para as nuvens e viu seus pequenos pezinhos pisando sobre elas. Pezinhos recém-formados, finos, delicados que, nas águas amnióticas pisavam a placenta macia daquele rude útero.

Ela não se lembrava de todos os detalhes de seu nascimento. Sabia de algumas histórias e algumas delas considerava como mentira, porque ouvira muitas delas de sua mãe.

Seu pai era um tipo de galã da época. Tinha a pele morena e era um dos onze filhos de uma família tradicional da capital de Mineira.

Ele era o mais bonito e o mais carismático de todos os filhos. Toda a família trabalhava na linha de gastronomia, restaurantes, organização de festas, buffets, bares e boites.

Ele era viciado em jogos e tinha uma boite de streap-tease no centro de Belo Horizonte. Tinha também um restaurante. Embora fizesse muito dinheiro com seus negócios, os jogos e a vida boêmia dizimavam o seu lucro frequentemente.

Sua mãe era uma jovem muito bonita, carismática, de pele clara, inteligente - apesar de não ter estudado quase nada nas escolas – Sua inteligência lhe era algo natural.

Saiu do interior de Minas, da cidade de Rio Pardo de Minas, quase divisa com Bahia, para ir morar e conquistar uma vida melhor em Belo Horizonte.

Sua avó era benzedeira e parteira na cidade de Rio Pardo de Minas. Todo mundo da cidade gostava deles. Era uma família simples, sem muita escolaridade, mas eram típicos mineiros que serviam a comunidade. Seu avô trabalhava na roça e assim sustentava a família de cinco filhos.

Enquanto morava naquela cidade, sua mãe foi trabalhar na casa de um fazendeiro. Ela era uma excelente cozinheira e foi ali, convivendo com os filhos deste fazendeiro, que a mãe de Eliana observou e aprendeu coisas que lhe deu novas perspectivas de vida.

Rapidamente ela percebeu que se permanecesse ali naquela pequena cidade, não teria um futuro diferente do que o de seus pais.

Ouvindo as histórias das filhas e filhos do fazendeiro sobre o que era estudar e viver na capital, ficou entusiasmada e pensou em ir atrás de uma vida melhor para si mesma e para sua família.

Em Belo Horizonte teve diversos trabalhos e foi então que conheceu Augusto Nunes Aguiar. Quando começaram o relacionamento ele já estava casado e tinha quatro filhos.

No início do relacionamento ela hesitou muito em ter algum compromisso com ele. Pensava nas dificuldades desse tipo de envolvimento e como seria difícil ter um futuro tranquilo com ele vivendo com duas famílias ao mesmo tempo. Mas se apaixonou e quando deu por si, já estava envolvida e grávida de uma menina: Eliana.

A família de seu pai era uma família tradicional e fina que vivia no meio de buffets. Seu tio tinha uma

concessão no Minas Tênis Clube. Seu avô, na época de Juscelino Kubitschek, quando foi construída a Pampulha, ajudou em todo o conceito que fundamentou a construção do Iate Clube.

Sua mãe sabia se comportar nesse meio. Mesmo vindo de uma família muito simples, sabia se comportar segundo o que ordenava a etiqueta. Parecia uma dama, nascida e crescida para a riqueza.

Nas fotos com Augusto, sua mãe está sempre muito bem vestida, elegante, com joias caras lhe adornando o pescoço e as mãos. Sempre lindíssima nessas ocasiões especiais. Porém, sua mãe era uma mulher iracunda.

Como seu pai era viciado em jogos, quando conseguia muito dinheiro a enchia de joias, quando jogava e perdia tudo, tinha que penhorar essas mesmas joias para poder pagar as dívidas dele.

Seu tio mais novo lhe contava que, de vez em quando, sua mãe chegava na casa deles gritando e procurando por Augusto. Ameaçava de agredi-lo caso ele não contasse onde encontrar o seu irmão.

Augusto tinha muito medo dela, porque embora soubesse ser fina, quando descia do salto, era uma mulher “barraqueira”, escandalosa e agressiva.

Foram apenas três curtos anos de convivência dos três numa mesma casa. Ela se lembra de poucas coisas, afinal tinha apenas três anos de idade.

Quando viviam juntos, sendo muito apegada e ligada ao pai, provocava uma espécie de raiva em sua mãe. Tanto que sua mãe costumava dizer que ela era filha só do seu pai.

Esse envolvimento de seus pais continua cheio de mistérios com várias incógnitas. Muitas coisas sem clareza e sem muita explicação.

Sua mãe pareceu sempre querer omitir fatos, enquanto seus irmãos, por parte de pai, contaram para ela, muitos anos depois, a versão que eles conheciam. Assim sua história tinha luzes e sombras que ainda a atordoavam.

Eliana, quando jovem, procurou saber detalhes de sua história, conhecer a outra família de seu pai. Quando fez isto percebeu que abriria muitas feridas antigas. Então deixou esse assunto no esquecimento.

Antes de ir em busca de sua história, se achava “a vítima”, mas quando descobriu a verdade, percebeu que as coisas não eram bem assim. Conversando com seus irmãos por parte de pai, viu que eles sofreram muito mais do que ela.

Antes, acreditava que tinha sofrido na infância por não ter seu pai sempre presente, por se sentir a filha que sempre tinha que viver escondida.

Depois de muitos anos passados, um de seus irmãos lhe contou todo o sofrimento que era ter um pai oficialmente presente, morando na mesma casa, mas cujo carinho era dedicado muito mais a filha da outra, como costumavam dizer.

Sua mãe nunca lhe contara a história como realmente acontecera. Talvez ela não conseguia assumir a posição que tivera frente a outra família e Eliana sempre respeitara essa fragilidade de sua mãe. Seu silêncio sobre essas questões era inquebrável. Nem mesmo o tempo iria fazer sua mãe falar sobre todos os detalhes de sua vida.

Segundo suas lembranças, a relação de sua mãe com seu pai era toda encoberta e apoiada pela família dele. Todos sabiam que ele tinha um apartamento com sua mãe no edifício Maleta e que depois se mudaram para a Avenida Afonso Pena.

Ele não se separou definitivamente da mulher para viver com sua mãe. Ao montar um apartamento com ela, passou a viver uma vida dupla, com duas famílias ao mesmo tempo. Isso acontecia com muitos homens nos finais dos anos cinquenta e início dos anos sessenta no Brasil.

Viveram juntos e, apesar de morar com Eliana e sua mãe, Augusto sempre ia visitar a sua outra família. Tinha até um quarto separado para dormir lá quando quisesse. Viveram juntos até quando Eliana completou seus três ou quatro anos de idade. Ela não se lembrava com exatidão.

As irmãs e os irmãos de Augusto frequentavam sua casa sem nenhuma cerimônia. Não era um romance vivido completamente às escondidas. Essa situação é bastante indefinida em sua mente até os dias de hoje.

Eliana só se lembra de acordar de madrugada, quando ainda tinha três anos, com as brigas dos pais. Eles tinham uma relação muito passional, e por isto, extremamente conflituosa.

Augusto era muito ciumento. Quando alguns amigos vinham à sua casa, era sempre motivo para eles brigarem por causa de ciúme ou desconfiança. Além disto, ele proibia sua mãe de receber visitas quando não estava presente em casa.

Sua mãe também tinha muitos ciúmes. Quando seu pai precisava sair para trabalhar a noite em sua boite de streap tease, voltava para casa de madrugada e com cheiro de mulheres e bebidas. Nestes dias a briga era violenta.

Eliana se lembrava aflita de uma noite em que

acordou com eles brigando enfurecidamente. Ela se levantou da cama e correu para tentar separá-los. A briga foi tão violenta que, em um dos empurrões que seu pai deu em sua mãe, ela fraturou o braço.

Foram para o hospital e chegando lá alguns médicos perguntaram como foi que ela havia quebrado o braço. Ela dizia que foi o marido que havia lhe agredido.

Quando perguntaram para Eliana o que acontecera, ela disse para os médicos e para as enfermeiras que a mãe estava mentindo, que o seu pai não havia batido nela, mas que sua mãe escorregara no piso do banheiro sozinha e caíra, batendo o braço na banheira. Este foi um dos motivos para que sua mãe sempre lhe xingasse dizendo:

- Essa menina sempre foi uma ordinária, sempre defendendo o pai dela! Dizia aos berros.

Mas, a história não era bem assim como sua mãe dizia. De acordo com Eliana, ela não queria defender o seu pai. A mais provável verdade é que sua mãe, sendo sempre uma pessoa muito violenta, era quem o atacava primeiro tentando agredi-lo. Com certeza, quando seu pai tentou se defender, ela se desequilibrou e caiu. Seu braço bateu na banheira e quebrou com a pancada.

As lembranças de Eliana eram as vezes confusas.

Lembrava-se que, ainda bem pequena, via-se em frente ao edifício JK, no centro de Belo Horizonte, com sua mãe agarrando e puxando-a por um braço, enquanto seu pai lhe puxava pelo outro. Todo o conflito que eles tinham entre si, acaba por cair diretamente sobre a pequena e indefesa criança.

Quando ele a chamava:

- Vem com o papai, vem com o papai!

Sua mãe aos berros dizia:

- Não, ela não vai ficar com você!

Seu coraçãozinho ficava aflito, não sabia para onde ir, nem com quem ficar. Os cuidados básicos maternos de alimentação, higiene lhe eram fornecidos por sua mãe.

O carinho e a afetividade masculina, que tanto lhe enchiam a alma, eram dados por seu querido pai. Nesses momentos sua aflição chegava a graus quase insuportáveis. E ela então chorava alto e abundantemente para aliviar tamanha tensão interna.

Em um coraçãozinho tão tenro e jovem, dois amores divididos dilaceravam sua mente que ainda não tinha maturidade para escolhas daquele tipo. Podemos chamar isso de tortura psico-afetiva.

Eliana resistiu e suportou tudo isto. Mas sua reação é que daria base para sua visão de vida. Este seria um problema que ela teria que resolver em sua idade madura.

Ela ainda se lembra do olhar de seu pai para ela. Era de tanta ternura, amor e necessidade, que a deixava encantada. As fotos que ela ainda guarda, revelam o carinho que o pai lhe dedicava.

Muitos anos mais tarde, quando seus irmãos tiveram a chance de ver as suas fotos com seu pai, ficaram indignados por perceberem que nunca foram tratados, nem olhados com tanta ternura, como ela fora.

Ela também se lembrava de um fim de semana em que a mãe a deixara com uma empregada. Passou o fim de semana aos prantos. Não sabia a razão por que aquela estranha estava em sua casa. Só percebeu que seu pai e sua mãe não estavam presentes. Ela deveria ter seus dois ou três anos. Para ela seus pais haviam desaparecido.

Aquele “desaparecimento” de seus pais, também marcou o inconsciente emocional de Eliana como um sentimento de abandono que traria sequelas para o resto de sua vida.

Na mente de uma criança, quando os pais se ausentam por um tempo maior que o normal, elas

se sentem desamparadas e desprotegidas, e, por não possuírem noção de tempo, aquele “pseudo-abandono” pode tomar proporções gigantescas. Foi isso que aconteceu com Eliana.

Mesmo sendo muito pequena, a criança precisa ser preparada para essas ausências. É preciso conversar com a criança explicando as razões e os motivos que levaram o pai ou a mãe a se ausentarem por um tempo maior que a criança já está acostumada. Caso contrário ela terá suas próprias interpretações e estas geralmente são equivocadas.

Eliana passou três dias e três noites chorando e gritando que queria sua mãe. Só parava um pouco quando adormecia. A empregada quase ficou louca naquele fim de semana, pois nada conseguia consolar ou confortar aquela criança.

Chorou todos os dias e todo o tempo. Dormia de cansaço de tanto chorar. Acordava de madrugada e voltava a chorar novamente. Já no domingo, a empregada que tomava conta dela, estava muito preocupada porque a menininha já não tinha voz nem lágrimas.

Quando seus pais retornaram, encontraram uma criança com a mente emocional afetada. Ficou marcada de tal maneira que a sensação de

abandono a perseguiria por muitos anos adiante impedindo-a de ver a verdade sobre seus pais.

Sempre quando recordava fatos que envolveram sua mãe, Eliana sentia uma dor, como se a dor daquele fim de semana ainda estivesse presente.

Ela tem uma foto que revela a conflituosa relação que tinha com sua mãe. No momento em que ela ia lhe dar um beijo na bochecha, ela sopra para que a boca da mãe não lhe tocasse na bochecha.

Para Eliana sua mãe criava nela uma relação de profunda dependência com uma forte raiz de abandono. Pois quando queria não tinha a menor dificuldade em abandoná-la.

Agora, com a sua cabeça inclinada na pequena janela do avião, uma lágrima escorre suavemente sobre sua face, dizendo para ela que a relação que teve com sua mãe, nunca poderia ser chamada de relação entre mãe e filha.

Para Eliana, o amor de uma mãe tinha que ser incondicional, com muito carinho, cumplicidade e, toda cercada de cuidados e zelos. Algo que ela nunca experimentara naquela convivência.

Na suas construções mentais, até mesmo as coisas boas que sua mãe lhe oferecera durante seu crescimento, não tinham o amor como motivação.